



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Austrália – Produção Cinematográfica de Mark Luhrmann: Uma análise do ponto de vista pós-colonial

Por: Gabriela Fujimori da Silva
gabriela.fujimori@ifpr.edu.br

Resumo

O objetivo deste artigo consiste em elaborar uma análise fundamentada em teorias Pós-Coloniais, de cenas do filme *Austrália*, dirigido pelo cineasta australiano Mark Anthony Luhrmann em 2008, em que a reflexão sobre a outremização e a hierarquização da cultura, do idioma e da população aborígine será o tema central. Serão verificadas estratégias colonizadoras, a figura do sujeito enquanto construto fabricado pela exclusão, marginalização e opressão do outro. Pretende-se averiguar o processo de alteridade e inferiorização na relação entre colonizador e colonizado através de dois grupos principais: dos ingleses King Carter e Neil Fletcher e o de Nullah, um menino aborígine, utilizando como suporte, teorias Pós-Coloniais de Homi Bhabha.

Palavras-chaves: Outremização; Aborígine; Teoria Pós-Colonial.

Resumo

La celo de ĉi artikolo estas ellabori analizon surbaze postkolonia teorioj, de la filmo Aŭstralio, direktita de aŭstralia, cineasta Mark Anthoni Luhrmann en 2008, en kiu la interkonsiliĝo pri aliado kaj hierarkio de kulturo kaj indiĝenaj homoj estos fokuso. Estos kontroli strategiaj koloniigeco, la figuro de la subjekto kiel konstruo fabrikita de ekskludo, margĝenigo kaj suferado de alia. Ĝi celas esplori alterecan procezon kaj malsuperecon en la rilato inter kolonianto kaj koloniato por du ĉefaj grupoj: el anglanoj King Carter kaj Neil Fletcher kaj de Nullah, aborigena knabo, uzante kiel apogo, postkolonia teorioj de Homi Bhabha.

Ŝlosilovortoj: Aliado; Aborigena; Postkolonia teorio.

Abstract

The aim of this paper is to develop an analysis based on post-colonial theories, from the Australia film, directed by Australian filmmaker Mark Anthony Luhrmann in 2008, in which the reflection on outremização and prioritization of culture, language and aboriginal population will be the central theme. It will be checked colonizing strategies, the figure of the subject as construct manufactured by exclusion, marginalization and oppression of the Other. It is intended to investigate the process of otherness and



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

inferiority in the relationship between colonizer and colonized through two major groups: the English King Carter and Neil Fletcher and about Nullah, a natural boy, using as support, post-colonial theories of Homi Bhabha.

Key-words: *Othering; Aboriginal; Post-colonial theory.*

Introdução

[...] o que leva um animal a matar o outro é a fome. O que leva os animais racionais a eliminar o diferente é a ira. O diferente é mal e digno de perseguição.

Adorno

O filme *Austrália* (2008) dirigido pelo cineasta Mark Anthony Luhrmann, sendo ele e quase todo o elenco australiano, resgata o período anterior e durante a Segunda Guerra Mundial na Austrália, evidenciando as práticas colonialistas, as estratégias políticas do império britânico, o homem branco e eurocêntrico diante dos aborígenes - nativos da região que viviam como caçadores, coletores, bastante ligados à natureza, detentores de uma cultura própria ligada a mitos e rituais espirituais - que sofreram duros golpes diante da suposta superioridade do colonizador no processo de colonização do país.

Sendo o objetivo deste trabalho refletir sobre a outremização e a hierarquização da cultura, do idioma e da população aborígine no enredo do filme, pretende-se averiguar o processo de alteridade e inferiorização na relação entre colonizador e colonizado através de dois grupos principais, de King Carter e Neil Fletcher como as figuras do colonizador, e o de Nullah, o nativo, tendo como suporte as teorias Pós-Coloniais de Homi Bhabha. Destacaremos, também, a figura de Lady Ashley (Dona Patroa), como antagonista à lógica inglesa colonizadora,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mesmo sendo ela também uma inglesa.

A Austrália provou o colonialismo e vivenciou o deslocamento da população, o transplante da civilização europeia, a extensão do idioma europeu e a quase extinção das línguas nativas. Como observa Bonnici (2000): o “outro”, o colonizado, passa a ser resultado do processo que o discurso colonial fabrica, sendo construído pelo poder do “outro”, a metrópole.

Na teoria pós-colonial o Outro é o centro imperial, o discurso imperial, a metrópole. O Outro proporciona os termos através dos quais o sujeito colonizado fabrica sua identidade dependente. O Outro é também o aparato ideológico absoluto através do qual o colonizado começa a se ver e a ver o mundo ao redor dele. Portanto, o sujeito colonial existe no fitar e no olhar do outro e, sendo o poder colonizador como um fator maternal, introduz noções de pátria e de seus derivados em sua ideologia. (BONNICI, 2000, p. 133).

Dessa forma, no enredo do filme *Austrália* serão identificadas e analisadas cenas que retratam essa prática, a diferença e a discriminação no discurso do colonialismo. O filme é sobre Sarah Ashley, uma aristocrata inglesa que viaja para a Austrália, onde está seu marido cuidando da imensa fazenda de gados da família. A princípio ela imagina que ele esteja na companhia de outras mulheres, por isso tanto tempo ausente de casa, mas descobre que ele fora assassinado. Sarah decide cuidar dos negócios, enfrentando King Carter, barão de gado, e seu comparsa Neil Fletcher, inglês ambicioso e extremo que desviava os gados de Ashley para sua fazenda. Para isso, a inglesa terá a ajuda do Vaqueiro (Drover) e de um garoto aborígine, Nullah. Contará também com a ajuda do avô do garoto, Rei George que, através de seus cantos, algo que manifesta a sua forma de religiosidade, ajudará Dona Patroa e Nullah a se libertarem de Carter e de Fletcher.

Permeando o enredo romântico e aventureiro, estão presentes fatos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

reais ligados à história da Austrália, como a relação dos estrangeiros ali presentes e o povo nativo, cenários de guerra e a realidade das crianças mestiças que eram retiradas de suas famílias para servir a sociedade branca. O prólogo do filme informa ao espectador quanto a esse contexto:

[...] Darwin, uma cidade no território do norte, na Austrália. O território era uma terra de crocodilos, barões de gado e chefes guerreiros onde a aventura e o romance eram a forma de vida. Também era o lugar em que crianças aborígenes mestiças eram arrancadas à força de suas famílias e treinadas como serviçais da sociedade branca. Essas crianças ficaram conhecidas como “gerações roubadas”. (AUSTRÁLIA, 2008, cap.1).

Nessa aventura vivenciada por Sarah, ganhará destaque a opressão vivida pelos aborígenes diante do domínio inglês. Nullah vivencia sua mãe sendo explorada sexualmente por Fletcher, é perseguido por ser uma criança aborígene e sente-se deslocado quanto a sua identidade. Nullah, diga-se de passagem, é mestiço, e estes eram considerados “cabras”. O menino é bastante ligado ao avô, Rei George, personagem ligado aos mitos e espiritualidade, que através de rituais ajudará Nullah em diversas situações, mas que não ficará ausente do poder imperialista, que age também no deslocamento cultural no intuito de substituí-la por uma cultura cristã.

Meu avô, Rei George me levou para a caminhada. Me ensinou os costumes do povo negro. Meu avô me ensinou a lição mais importante de todas. Contar histórias. (...) Rei George me ensinou a pescar usando uma canção mágica. (AUSTRÁLIA, 2008, cap.1).

Utilizando como referência o enredo que envolve os ingleses Sarah Ashley, King Carter, Neil Fletcher; o australiano Drover (Vaqueiro), o aborígene Nullah e seu avô, objetiva-se analisar a interação entre o império e a sociedade por ele colonizada por meio de teorias Pós-Coloniais de Homi Bhabha.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Austrália – Colônia de Povoadores

“Uma das características da sociedade colonizada é o deslocamento” (BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais, p. 20), estratégia utilizada pela metrópole para mostrar seu poder e dominação sobre o *outro*. Na relação da linguagem com o deslocamento pode-se distinguir as categorias de sociedades pós-coloniais e, nessa classificação, a Austrália foi *Colônia de Povoadores*, onde há a conquista da terra pelos europeus e conseqüentemente o deslocamento das populações indígenas. A civilização europeia é transplantada e o idioma europeu estendido na tentativa de extinção da língua nativa. Sobre a “settlercolonie”, Bonnici observa:

“Settlercolonies”: Na América espanhola, no Brasil, nos Estados Unidos da América, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, a terra foi ocupada por colonos europeus que conquistaram e deslocaram as populações indígenas. Uma certa modalidade de civilização européia foi transplantada e os descendentes de europeus, mesmo após a independência política, mantinham o idioma não-indígena. (BONNICI, T. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**, p.20).

Esses deslocamentos serão analisados neste artigo verificando as representações de alteridade, em que o *outro* começa a existir pela diferença e discriminação do discurso colonial com estratégias de hierarquização e marginalização, objetivando, como observa Bhabha (1991, p. 184): “[...] construir o colonizado como população de tipo degenerado, tendo como base uma origem racial para justificar a conquista e estabelecer sistemas administrativos e culturais.”.

A própria caracterização da Oceania, continente que envolve a Austrália, como “Novíssimo mundo” já denota um tratamento de caracterizá-la como inferior



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

na escala evolutiva em relação aos indivíduos do “Velho Mundo”. Trata-se do velho dilema da maturidade e da imaturidade. De um lado os colonizadores, de outro os colonizados. Os “mais velhos” enquanto responsáveis pela educação dos mais novos, conseqüentemente pela internalização de novos valores. Enfim, trata-se do dilema: adultos *versus* crianças, bárbaros *versus* civilizados.

A partir da ideia de imaturidade, tudo o que é do “outro” converte-se em algo a ser alterado: da vestimenta à linguagem. A alteridade, assim, é relegada em prol da imposição de valores. A religiosidade aborígine, por exemplo, é substituída pela religiosidade ocidental cristã. Assim como aconteceu com o Brasil, em que os jesuítas catequizaram os índios, na Austrália, “Novíssimo Mundo”, aconteceu um processo semelhante: a cultura aborígine foi sistematicamente suprimida.

Veremos, neste sentido, um longo período chamado de “Geração roubada”, no qual milhares de crianças aborígenes foram tiradas de suas origens para incutir-lhes outro tipo de cultura, dita “civilizada”. O próprio Nullah, personagem marcante de *Austrália*, participa deste dramático processo de “roubo”. O mesmo Nullah expressará: “Não sou preto e também não sou branco. Os brancos me chamam de sangue misturado. Mestiço. Cabra. Não pertencço a ninguém.” (AUSTRÁLIA, cap.1). Como já mencionado, sua mãe sofreu abuso sexual de Fletcher, ato que gerou o garoto mestiço. Ainda sobre a referida “Geração”, podemos ver as seguintes falas entre o Doutor Barker e a Dona Patroa:

Dr. Barker: “As crianças mestiças têm que ser retiradas dos aborígenes puros, primitivos. Como podemos tirar o preto dele?”.

Dona Patroa: “Alguém perguntou às mães como elas se sentem?”.

Dr. Barker: “É um fato da ciência que a mãe aborígine cedo esquece seus filhos”. (AUSTRÁLIA, 2008, cap.15).

Enfim, enxergar o colonizador não enquanto o adulto que deva impor-nos valores é uma das bases das teorias pós-coloniais, que realizam uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

verdadeira desconstrução do que é considerado civilizado e do que é considerado bárbaro. Realiza-se uma construção, também, do que é considerado científico: o movimento de desconstrução vai às raízes, portanto. Como vemos ao longo do filme, ocorre “a cooptação das elites tradicionais na administração colonial”, com o fim de domesticação e aproveitamento produtivo. E, segundo Bhabha:

A cooptação das elites tradicionais na administração é, pois, vista como modo de domesticar o instinto de vida ambicioso dos nativos. Tal atitude coloca o sujeito nativo como lugar de poder produtivo, ao mesmo tempo subserviente e sempre potencialmente indisciplinado. O que aumenta é a visibilidade do sujeito como objeto de vigilância, tabulação, enumeração e até mesmo paranóia e fantasia (BHABHA, 1992, p. 186).

Ainda sobre as teorias pós-coloniais, destacamos junto a Peter Burke:

[...] uma das principais razões para a reação contra a grande narrativa da civilização ocidental consistiu na consciência cada vez maior daquilo que ela havia deixado de fora ou tornado invisível. A luta pela independência no Terceiro Mundo e o debate sobre a continuação da exploração econômica por parte dos países mais ricos chamaram a atenção para a força dos preconceitos coloniais e também para sua persistência em épocas “pós-coloniais”. Esse foi o contexto cultural para a ascensão de uma teoria do pós-colonialismo – ou, mais exatamente, de teorias concorrentes entre si – que mais tarde, assumiram a forma institucional de “estudos pós-coloniais”, um grupo de tópicos interdisciplinares que incluía um pouco de história cultural (BURKE, 2008, p. 64).

Portanto, numa via antagônica ao eurocentrismo, posicionam-se os estudos pós-coloniais. Busca preservar aquilo que pretensamente era tido como “selvagem”. Nas palavras de Bonnici:

[...] a crítica pós-colonial se preocupou com a preservação e documentação da literatura produzida pelos povos degradados como “selvagens”, “primitivos” e “incultos” pelo imperialismo; a recuperação das fontes alternativas da força cultural de povos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

colonizados; o reconhecimento das distorções produzidas pelo imperialismo e ainda mantidas pelo sistema capitalista atual (BONNICI, 1998, p. 10).

Os estudos pós-coloniais, assim, tornam-se verdadeiras críticas a um modo de valorar a história, a literatura, em suma, a vida, que subjuga o pretense “outro”, inculcando-lhe valores e suprimindo-lhe costumes. Tais estudos são fontes inesgotáveis para as mais diversas análises, que envolvem desde livros, documentos políticos, filmes, etc. É sob esta perspectiva crítica que este artigo se pauta. Segundo Bhabha, na esteira do filósofo francês Derrida:

Ao se dirigir à questão do etnocentrismo em termos de Derrida, pode-se explorar o exercício do poder colonial em relação à hierarquia violenta estabelecida entre as culturas escrita e oral. Pode-se examinar, no contexto da sociedade colonial, aquelas estratégias de normalização que desempenham uma diferença entre uma linguagem normativa “oficial” da administração e instrução coloniais e uma forma não-marcada, marginalizada – “pidgin”, crioula, vernacular – que se torna o lugar da dependência e resistência culturais do sujeito nativo e, como tal, um signo de vigilância e controle. (BHABHA, 1992, p. 181).

Enfim, se a Austrália foi sede de colonização e supressão cultural, também pode ser sede de ricos estudos a respeito de tal dominação. Para tanto, compreender o que é concebido como “outro” torna-se fundamental. Não se tem, entretanto, a intencionalidade de conceber as teorias pós-coloniais como teorias capazes de restabelecer por completo a cultura do colonizado, uma vez que esta já foi sobremaneira influenciada, mas temos por objetivo indicar elementos pelos quais o colonizador impôs o seu modo de ser e, a partir disso, realizar o movimento de crítica, de desconstrução.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A Outremização e a questão do outro

A literatura pós-colonial, segundo Bonnici, adota a seguinte estratégia:

(1) uma tomada de posição nacionalista, quando a literatura pós-colonial assegura a si mesma uma posição determinante e central e (2) quando questiona a visão européia e eurocêntrica do mundo, desafiando a sistematização de pólos antagônicos (dominador-dominado) para regulamentar a realidade (BONNICI, 1998, p. 18).

Neste bojo, há de se destacar o importante termo “outremização”, que é um termo utilizado em Estudos Pós-Coloniais proposto por Spivak (1985), em que o discurso do império opera no sentido de colocar o colonizado como diferente e assim, assimilando a ele a ideia de subalterno e de inferior.

O termo “OUTRO” corresponde ao discurso colonial que o império estabelece sobre o sujeito dominado, reprimindo suas ideologias maternas e constituindo uma nova identidade voltada para o império. Com essa imposição, o sujeito colonizado começa a existir pelo discurso colonial como um ser excluído e marginalizado pelo poder. Com o termo “outro” tem-se a ideia da criança que se olha no espelho e se reconhece como um ser distinto, ou seja, assemelha-se à imagem refletida, mas não se identifica por meio dela. Este processo exemplifica a identidade adquirida do sujeito subalterno na teoria Pós-Colonial, que se distancia e se reconhece como um ser diferente do centro através do discurso imperial (ZOTESSO, BONNICI & WIELEWICKI, 2010, p. 271-272).

A teoria pós-colonial é, antes e acima de tudo, anti-etnocêntrica e favorece a desconstrução. A instância anti-etnocêntrica revela uma estratégia que, ao reconhecer o espetáculo da alteridade, concebe um paradoxo central a estas teorias anti-epistemológicas. (BHABHA, 1992).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O discurso colonial como aparato de poder analisado por Homi Bhabha pressupõe o reconhecimento das diferenças raciais, culturais e históricas tidas como função estratégica, criando um “jogo de poder” para apropriar-se, dirigir e dominar o colonizado. Assim, percebe-se uma forma de deslocamento quando Nullah é levado para a missão católica, os próprios internatos são utilizados como instrumento de colonização dos aborígenes, auxiliando na perda da identidade e na implantação do idioma e cultura europeia.

Ainda acerca da religiosidade aborígene, já destacada, é verificada a seguinte fala no decorrer do filme, dita por Nullah: “Os ancestrais criaram canções para tudo. Para cada pedra e árvore, e tudo está ligado” (AUSTRÁLIA, 2008, cap.1). Vemos nesta característica religiosa uma espécie de “panteísmo”, uma harmoniosa relação mágica entre homem e natureza. No caso do indígena brasileiro e do africano, um processo semelhante de cristianização aconteceu, um processo de aculturação.

Todavia, o pretenso “outro”, conforme demonstra a citação inicial deste subtítulo, possui cultura. O problema é que aquele que coloniza, que loteia a liberdade alheia, por assim dizer, marginaliza as características peculiares daquele que desconhece. Se conhecesse, talvez poderia vê-lo pelo olhar a alteridade, é o que acontece com Dona Patroa, quando começa a ver de fato a Austrália. Nas palavras de Nullah:

Quando Dona Patroa chegou nesta terra, ela olhava, mas não via. Agora está com os olhos abertos pela primeira vez. Alguns lugares têm espíritos. Os brancos não sabem. Alguns lugares não são bons de ir. (AUSTRÁLIA, 2008, cap.4).

Outra cena bastante dramática de *Austrália* é a em que Nullah é chamado por outra criança de “cabra”, que também diz: “Cabra, sua mãe não quer você?” (AUSTRÁLIA, 2008, cap.20). Nisso, é visto um processo de supressão em



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que se nega absolutamente o “outro lado”. Bhabha expressa bem em que consiste tal drama:

O drama que está por baixo dessas dramáticas cenas cotidianas coloniais não é difícil de discernir. Em cada episódio, o sujeito gira em torno do pivô do “estereótipo” para regressar a um ponto de identificação total. O olhar da criança branca regressa à mãe, reconhecendo e negando o negro; a criança negra se volta contra si mesma, contra sua raça, identificando-se totalmente com a positividade da brancura que é ao mesmo tempo cor e ausência de cor (BHABHA, 1992, p. 194).

Enfim, há cultura do “outro lado”. Há vida. Há religiosidade. Sobre a noção de cultura, Stuart Hall traz uma valiosa contribuição:

(...) a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma “arqueologia”. A cultura é uma produção. (...) Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem por nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p. 44).

Aquilo que neste contexto se chama de “branco”, de indivíduo permeado pela ótica eurocêntrica, é que, não compreendendo o “outro lado”, o oprime. Uma das estratégias mais perversas de opressão, sob a pele de “melhoramento”, foi a eugenia. O embranquecimento da população era considerado algo fundamental para o melhoramento de determinado povo. Isto aconteceu no Brasil e se pode citar como um grande representante das teorias eugênicas o médico Renato Kehl, idealista da chamada educação eugênica como pressuposto singular para a salvação da nação brasileira, nas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

primeiras três décadas do século XX. Outra terrível estratégia nefasta foi a já mencionada “geração roubada”, o que acabou por gerar uma espécie de diáspora.

Por fim, que a experiência narrada em *Austrália*, da geração roubada, assim como Auschwitz não se repita:

Qualquer debate acerca das metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão (Adorno, 1995, p. 119).

Considerações finais

O cinema é a arte do movimento. Pelo cinema inúmeras críticas sociais de primeira grandeza. A que se vê representada em *Austrália* é a da “geração roubada” e associada a esta crítica, também é explicitado todo o movimento de formulação de estereótipos por parte de uma lógica eurocêntrica que coloca o branco como centro do universo, da cultura. E assim, evidencia-se uma crítica ao etnocentrismo.

A um só tempo há uma belíssima crítica tanto à referida “geração” quanto a uma ótica segregadora. Ao término do filme há uma nota que diz que o sistema de roubar gerações acabou, mas, o que é óbvio, isso se deu após longos anos e após longas críticas dos mais diversos segmentos sociais humanitários.

A análise de tal filme sob a ótica dos estudos pós-coloniais torna-se algo interessante, na medida, como destacado ao longo deste artigo, tais estudos buscam uma desconstrução daquilo que se acredita como o “outro”, algo que resultou num dramático processo de “outremização”. Com isso, pode-se ter de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

forma bastante clara que, longe do colonizador ser o superior – também não se trata de ser o inferior, pois apenas seria trocado o oprimido de lado -, o indivíduo evoluído, ele é apenas mais um na sociedade que deve dar o devido espaço ao outro. Trata-se, assim, da valorização da alteridade. Os estudos pós-coloniais, valorizando a cultura do colonizado, valoriza em primeiro lugar a alteridade, sendo este, é possível afirmar, talvez o maior legado de tais estudos.

Referências

- ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BHABHA, Homi K. “A questão do 'outro': diferença, discriminação e o discurso do colonialismo” . In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- BONNICI, Thomas. **O Pós-colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2000.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- HALL, Stuart . “Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior” . In. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- LUHRMANN, Mark . **Austrália**. (Filme). 2008.
- ZOTESSO, Lígia Ribeiro de Souza; BONNICI, Thomas; WIELEWICKI, V. H. G. **A outremização em O Menino do Pijama Listrado**. Uniletras, v. 32, p. 269-280, 2011.